
Fé, Superação e Inspiração: narrativas de agência feminina e a produção de mulheres religiosas exemplares¹

Carolina Cavalcanti FALCÃO²
Universidade Federal de Pernambuco, PE

RESUMO

No presente trabalho, buscamos compreender como se dá a produção e viabilidade de narrativas de agência religiosa feminina, a partir da análise das três palestras TED mais populares produzidas por mulheres religiosas. Assim, pretendemos identificar como o agenciamento feminino pode ser compreendido em tradições monoteístas a partir da cultura da inspiração e da produção de exemplos. Nosso argumento é que esse fenômeno só é possível devido ao trabalho, interseccional, de equilíbrio entre uma identidade religiosa e uma contrapartida secular/moderna. Também pretendemos demonstrar como a atuação dessas mulheres não aponta necessariamente para o rompimento com as tradições religiosas, mas para um trabalho de releitura, ou tradução, amplamente baseados na ideia de superação dos modelos patriarcais (culturais) religiosos e na produção de espaços viáveis de agência.

PALAVRAS-CHAVE: TED; Agência Feminina; Inspiração; Mulheres Exemplares; Religião.

Introdução

O que uma jovem muçulmana, ao propor uma leitura alternativa do Corão, tem em comum com outra jovem, mórmon, que, embora reconheça a maneira sexista e desigual como sua igreja trata as mulheres, se esforça para transformar essa realidade e permanecer ligada a sua comunidade religiosa? O que elas compartilham como uma rabina reconhecida internacionalmente por seu trabalho ecumênico e que nos convida a reivindicar a religião para nossas vidas seculares? Além do fato de que essas mulheres usam o palco do TED³ para apresentar suas ideias (inegavelmente enquadradas por suas próprias histórias de vida), essas três apresentadoras, cujas tradições religiosas são evidentes, performatizam uma narrativa importante na nossa cultura: a da agência feminina. Essa narrativa desafia o *status quo* em relação aos papéis de gênero muçulmano, mórmon e judeu, mas não compromete as identidades religiosas postas, gerando o que chamamos aqui de personagens religiosas exemplares. Neste trabalho,

¹ Trabalho apresentado no Brasil-Estados Unidos - VII Colóquio Binacional de Ciências da Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista (UFPE), doutoranda em Comunicação (PPGCOM-UFPE) e professora substituta do DMID-UFPB, e-mail: carolinacfalcao@gmail.com

³ A escolha das palestras se deu a partir de pesquisa das três mais populares TED Talks a partir da pesquisa com as palavras-chave “religião” e “mulheres”, no mecanismo de busca do portal do TED. O mesmo procedimento foi feito com as palavras em inglês (“religion” nas “women”) e o resultado foi o mesmo.

nos interessa como se dá a produção e viabilidade desses exemplos e como eles, apesar de seus enunciados desafiadores de uma ordem político-religiosa, se coadunam com as premissas basilares do atual estágio do capitalismo.

Como aponta Woodhead (2002), é muito importante ter em mente que a mulheres ocupam (e produzem) a religião de maneiras distintas dos homens e entre si. Essa perspectiva, argumenta, não deve ser usada para perguntarmos apenas se as religiões reforçam ou solapam o patriarcado, mas sim para pensarmos a habilidade das religiões em prover espaços legítimos para as mulheres e como esses espaços são ocupados e o que eles produzem. No caso específico de sociedades ocidentais altamente diferenciadas e industrialmente avançadas, a autora explica que esses espaços compelem as mulheres a produzirem “alternativas espiritualizadas” ou se permanecem em suas tradições, o fazem de maneira crítica.

Mulheres podem procurar mudar ou reinventar a religião de maneira a encontrar espaços mais adequados do que os fornecidos pela religião tradicional com seus valores "tradicionais" e, geralmente, com liderança masculina. [...] elas podem tentar reformar e mudar a religião tradicional. Elas podem, por exemplo, tentar pressionar a religião em direção a relações mais igualitárias/liberais/relacionais (WOODHEAD, 2002, p. 6).

Assim, fazemos um recorte específico no entendimento do agenciamento religioso feminino: tratamos, neste trabalho, da capacidade criativa de reler as escrituras religiosas a partir de uma dada visão que se situa na premissa da igualdade entre os gêneros. Uma premissa fundada na agenda política das formas modernas de produção do capitalismo econômico e cultural (que muito embora se pretenda universal não é capaz de dar conta da diversidade de subjetividades religiosas experimentadas entre as mulheres). Essa capacidade de reler, ou mesmo “traduzir” os textos fundantes produz mais do que narrativas inspiracionais que ensejam a centralidade da mulher nas tradições monoteístas. Ela aponta também para produção de mulheres religiosas exemplares, cuja fé emoldura modos de superação de um ambiente religioso masculino, hostil e desigual.

Mas o que chama a nossa atenção é que essas mulheres não se legitimam “apenas” no ambiente devocional. As três autoras das palestras aqui trazidas dirigem suas próprias instituições e grupos de interesse, desenvolvendo um trabalho de advocacy em prol de suas causas. O dado exemplar dessas personagens é tanto a manutenção de

sua fé quanto o trabalho no mundo secular de, entre outras questões, assegurar condições de igualdade entre mulheres e homens, defender direitos como casamento entre pessoas do mesmo sexo, combater a violência dos extremismos religiosos ou formar lideranças para trabalhar pela solução pacífica de conflitos internacionais.

TED, cultura da inspiração

Compreender as TED Talks é uma tarefa que requer mais do que a identificação de seu formato conciso e eficiente (palestras que duram não mais do que 18 minutos são fáceis de serem compartilhadas e conseguem alcançar audiências longínquas⁴), o capital social dos palestrantes (de superstars como Bono a vencedores do prêmio Nobel) ou a relevância dos temas debatidos (absolutamente qualquer tema pode ser abordado numa TED Talk, a condição é que as ideias valham a pena de serem espalhadas⁵). Entendemos, tal qual aponta Casaqui (2017), que o TED se inscreve nos “modos de narrar” que conformam um “cenário contemporâneo de midiatização da experiência humana em função de um projeto comunicacional, que envolve a produção, circulação e consumo de narrativas” (p. 4).

Para além da racionalidade de seus enunciados, as palestras TED também estão marcadas por linhas de poder hegemônicas que enfatizam cada vez mais a existência humana, na sua versão ordinária e/ou autêntica, no centro das estratégias do capitalismo contemporâneo. Trata-se de um capitalismo imaterial (SIBILIA, 2015) ou, como prevê Lipovetsky (2015), do capitalismo artista, em que a produção material foi substituída por “um capitalismo de sedução, focalizado nos prazeres dos consumidores por meio de imagens e dos sonhos, das formas e dos relatos” (p. 42). Elucidando essa questão, o autor explica:

Na nova economia do capitalismo, já não se trata apenas de produzir pelo menor custo bens materiais, mas de solicitar as emoções, estimular os afetos e os imaginários, fazer sonhar, sentir e divertir. (LIPOVETSKY, 2015, p. 43).

Afeto, imaginário, experiência, narrativas e encantamento marcam a vivência no atual estágio do desenvolvimento econômico e tecnológico e estão indiscutivelmente imbricados numa relação que parece, a princípio, contraditória. Afinal, como não pensar

⁴ Atualmente, a palestra TED mais popular, com mais de 40 milhões de visualizações em 160 países, foi proferida em 2004, na Califórnia.

⁵ Tradução livre do slogan do TED: ideas worthy spreading

o atual estágio do desenvolvimento dos meios de comunicação se não levarmos em consideração a racionalidade máxima cujo emblema são as linguagens de programação, os mecanismos de busca, as transações algorítmicas mais complexas e precisas? Em outras palavras: a presença do sujeito no mundo é tanto mais artística, singular ou afetiva na medida em que dispõe do aparato tecnocientífico da eletrônica e do mercado. Acreditamos que é nessa perspectiva que reside a condição de paradigma das palestras TED. Da mesma forma, defendemos a premissa de que a cultura da inspiração que legitima o TED só é possível porque se insere num regime narrativo que se reproduz em condições tecnológicas específicas.

Nosso ponto de partida se dá, portanto, na questão da positividade – entendida aqui na perspectiva foucaultiana da capacidade de produzir algo – do TED e de sua racionalidade inspiradora/inspiracional. Assim, a atuação de Alaa Murabit, Chelsea Shields e Shanon Brous, ao falarem sobre suas experiências de fé e superação dentro das estruturas historicamente machistas, sectárias ou violentas que compõem suas instituições religiosas, não significa necessariamente um rompimento com essas mesmas estruturas. O que as três palestrantes propõem é, em última instância, um posicionamento empreendedor diante de circunstâncias adversas. Tal proposta, se apresenta como narrativas de agência feminina, performatizadas por mulheres religiosas exemplares.

Assim, vemos emergir no corpus dois acontecimentos relevantes e que se relacionam mutuamente: o de agência como narrativa e o de mulheres religiosas exemplares. É em função dessas duas guias que vamos nortear nossa análise. A primeira diz respeito às transformações que a atuação dessas mulheres promove nas tradições religiosas. A agência, nesse sentido, se dá como a proposta de (re)ler as escrituras com um olhar cultural. É um trabalho empreendedor e também inovador, motivado pelo desejo, pela inquietação de mulheres que não aceitam (ou não se conformam com) as estruturas desiguais das tradições religiosas às quais pertencem. É também pedagógico, pois nos mostra que uma leitura mais igualitária das escrituras é antes, de qualquer coisa, um exercício que envolve na maioria das vezes conhecer as tradições (e não abandoná-las), buscar as referências femininas que foram silenciadas, atualizar a mensagem, estar em sintonia com as demandas religiosas do nosso tempo e negociar sentidos. A segunda se constitui como um lugar de fala que autoriza e interdita certas posições discursivas. Nesse aspecto, nos interessa perceber como essa mulher religiosa

exemplar está sintonizada com uma ideia de modernidade secular amplamente identificada com ideias ocidentais de tolerância, coexistência pacífica e individualidade.

I am very proud of my faith

Na palestra intitulada “O que minha religião realmente diz sobre as mulheres”⁶, Alaa Murabit ilustra a narrativa de “jovem mulher muçumana” a partir da construção de dois espaços distintos que envolveram sua experiência religiosa: o espaço familiar em Saskatoon (Canadá) e o espaço da religião pelas “lentes da cultura” em Zawiya (Líbia). No primeiro, em sua infância guiada pelos pais, Murabit explica sua noção de religião:

Eu via meus pais, pessoas tão religiosamente devotas quanto espirituais, orar e louvar a Deus por suas bênçãos [...]. Eles foram gentis e engraçados e pacientes. Eu fui tratada com igualdade, o mesmo era esperado de mim. [...] E o entendimento dos meus pais sobre Deus como um amigo e provedor misericordioso e benevolente moldou a maneira como eu olhava para o mundo.

O segundo espaço de experiência religiosa demonstra uma situação oposta a sua narrativa doméstica e igualitária de religião e surgiu após a mudança, aos 15 anos de idade, para a Líbia, com a sua família:

Fui rapidamente introduzida ao aspecto cultural da religião. As palavras "haram" – significando o que é religiosamente proibido - e "aib" – significando o que é culturalmente inadequado - eram trocadas descuidadamente, como se elas significassem a mesma coisa e tivessem as mesmas consequências. E me vi [...], começando a questionar meu próprio papel e minhas próprias aspirações. [...] me vi questionando o papel das mulheres em minha fé.

A religião pacífica e igualitária da infância canadense de Murabit não coincidia com a versão “cultural” do Islã experimentado no norte da África. Isso porque as vivências de um Islã cultural não apenas interditavam suas memórias familiares como também legitimavam uma situação de subordinação das mulheres. Situação que pode ser observada, ela argumenta no início da palestra, em todas as religiões: “[...] não posso

⁶https://www.ted.com/talks/alaa_murabit_what_my_religion_really_says_about_women . Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

ignorar o estrago que foi feito em nome da religião, não apenas da minha, mas de todas as principais religiões do mundo”.

Assim, a desigualdade no tratamento dado às mulheres em “todas as principais religiões do mundo” é produto das lentes culturais usadas na leitura das escrituras religiosas. A proposição de Murabit se dá no campo de uma nova leitura do Corão, embasada por valores que o “seu” Islã doméstico e familiar reconhece e pratica. Essa nova leitura só é possível a partir do empreendimento de uma nova posição das mulheres não só na religião islâmica, mas em todas as instituições religiosas. Para a palestrante, as mulheres precisam sentar-se à mesa de negociações.

O tomador de decisão, a pessoa que consegue controlar a mensagem, está sentado à mesa e, infelizmente, em cada um dos sistemas de fé, eles não são mulheres. As instituições religiosas são dominadas por homens [...] e até que possamos mudar inteiramente o sistema, então não podemos realisticamente esperar ter a participação econômica e política completa das mulheres.

Entendemos que o sentido de agência que Alaa Murabit propõe no contexto de sua religião produz uma nova leitura das escrituras, em que lideranças femininas são historicamente redescobertas e enfatizadas, produzindo uma política de igualdade.

[...]me surpreendeu o quanto foi fácil encontrar mulheres na minha fé que fossem líderes inovadoras e fortes - política, econômica e militarmente. Khadija financiou o movimento islâmico em sua infância. Nós não estaríamos aqui se não fosse por ela. Então, por que não aprendemos sobre ela? Por que não aprendemos sobre essas mulheres? Por que as mulheres estão sendo relegadas a posições anteriores aos ensinamentos de nossa fé? E por que, se somos iguais aos olhos de Deus, não somos iguais aos olhos dos homens?

A narrativa de agência feminina produzida por Murabit dá sentido ao trabalho que ela vem desenvolvendo no cenário geopolítico internacional. A organização que leva seu nome é apontada por instituições como ONU e Forbes, como uma das principais protagonistas no trabalho de aumentar a participação das mulheres em plataformas internacionais. Ela também foi a mais jovem ganhadora do prêmio *Woman Inspire Change*⁷, concedido pela Universidade de Harvard. Em seu perfil, na página da organização, há uma série de fotografias em que Murabit aparece acompanhada de

⁷<https://orgs.law.harvard.edu/womeninspiringchange/2017-honorees/> . Acesso em 31 de março de 2018.

personalidade importantes do mainstream internacional, como líderes políticos e celebridades. Em sua conta na rede social Instagram, ela se apresenta como física, fundadora, feminista, empreendedora e líder⁸.

We Are Not Stupid

A problemática em torno da ideia de uma religião que produz desigualdades entre homens e mulheres também faz parte do argumento de Chelsea Shields, em sua palestra intitulada “Como estou trabalhando para mudar minha igreja por dentro”⁹. Criada na fé mórmon, Chelsea apresentou no palco do TED a contradição de ser uma mulher que luta pela igualdade de direitos mas que cresceu dentro de uma religião “extremamente machista e ortodoxa”.

Aceitamos coisas em nossas vidas religiosas que não aceitamos em nossas vidas seculares, e sei disso porque venho fazendo isso há três décadas. Eu era o tipo de garota que lutava contra todas as formas de discriminação de gênero enquanto crescia. Eu joguei basquete com os meninos. [...]. Sou a primeira mulher de ambos os lados da minha família a trabalhar fora de casa e a receber uma educação superior.

Essa distinção entre a vida religiosa e secular produziu um estatuto diferenciado para as instituições religiosas no mundo.

Por exemplo, se houvesse uma organização multinacional, governo ou corporação hoje que dissesse que nenhuma mulher poderia estar nos quadros de liderança, nenhuma mulher poderia ter autoridade para tomar decisões, nenhuma mulher poderia lidar com qualquer questão financeira, teríamos indignação. Haveria sanções. E, no entanto, esta é uma prática comum em quase todas as religiões do mundo atual.

Essa exceção institucional concedida à religião era também um lugar pessoal incômodo para Chelsea. Essa incompatibilidade entre uma mulher que estudou e saiu do ambiente doméstico, mas que se mantinha ligada a uma tradição extremamente controladora, não soava certa. No entanto, o “passe livre” dado ao Mormonismo tinha uma justificativa: se baseava no amor e apoio mútuo que a religião oferecia, nas

⁸<https://www.instagram.com/alaamurabit/>. Acesso em 31 de maro de 2018.

⁹https://www.ted.com/talks/chelsea_shields_how_i_m_working_for_change_inside_my_church. acesso em 01 de fevereiro de 2018.

certezas que davam sentido a sua vida familiar e em comunidade, bem como a crença de que sua família estaria unida na vida eterna.

Até que parei e percebi que estava me permitindo ser tratada como a equipe de apoio no trabalho real dos homens. E eu enfrentei essa contradição em mim mesma e me juntei a outras ativistas na minha comunidade.

Diferente de Murabit, o trabalho de Chelsea não era olhar para o passado em busca de modelos femininos de força e resistência. Sua ação se deu na esfera da advocacy e da negociação de novas formas de presença religiosa feminina:

[criamos] organizações de defesa de direitos. Nós tentamos fazer coisas que não eram dignas, como usar calças na igreja e tentar participar de reuniões masculinas. Parecem coisas simples, mas para nós, organizadoras, elas eram muito caras.

A hostilidade que o grupo liderado por Chelsea encontrou foi igualmente feroz entre o que a palestrante chamou de direita religiosa e esquerda secular. No primeiro grupo a reação de hostilidade se deu no campo moral, de acusações contra a moralidade da religião.

Nós perdemos relacionamentos, empregos. Recebemos mensagens de ódio diariamente. Nós fomos atacados nas mídias sociais e na imprensa nacional. Nós recebemos ameaças de morte. [...] Algumas de nós foram excomungadas. A maioria de nós foi colocada em frente a um conselho disciplinar e fomos rejeitadas pelas comunidades que amamos porque queríamos melhorá-las, porque acreditávamos que poderiam ser melhores.

No segundo grupo, a hostilidade se deu na forma de definir pessoas da fé mórmon como inevitavelmente homofóbicas, sexistas, loucas ou estúpidas. A crítica apontada contra os mórmons soava injusta e incompatível com a vivência de Chelsea em sua comunidade: “Esses argumentos não funcionam, e eu sei porque me lembro de alguém me dizendo que eu era idiota por ser mórmon. E o que eu fiz foi defender a mim mesma e a minha comunidade e tudo em que acreditamos, porque não somos idiotas!”

O trabalho de Chelsea se dá no campo da negociação de limites entre as duas vidas (secular e religiosa) que ela pretende equilibrar, o que ela chama de ativismo religioso. Na primeira, seu papel na construção de uma “religião melhor”; na segunda, os laços familiares e de comunidade que dão sentido a sua vida. O combate ao extremismo que tipicamente define a sua religião não se dá, argumenta Chelsea, no campo da hostilidade e crítica e sim no da negociação.

[...] críticas e hostilidade não funcionam [...]. Quando ouço esses argumentos, continuo a me irritar, porque tenho família e amigos. Estas são as minhas pessoas e eu sou a primeira a defendê-las, mas a luta é real. Como respeitamos as crenças religiosas de alguém e, ao mesmo tempo, as responsabilizamos pelos danos ou prejuízos que essas crenças podem causar a outras pessoas? [...] Eu ainda não tenho uma resposta perfeita. Meus pais e eu andamos nessa corda bamba na última década. Eles são pessoas inteligentes. Eles são pessoas adoráveis.

O ativismo religioso é, portanto, mais do que uma atividade pautada no interesse de manter-se religiosa mesmo tendo uma agenda secular. É um trabalho de mudança de paradigmas dentro da Igreja e que gera mudanças sociais e culturais. “Porque o que é ensinado no sábado atinge a nossa política, as políticas de saúde [...]. Atinge a tomada de decisões educacionais, militares e fiscais. Essas leis [religiosas] são legal e culturalmente codificadas”. Assim, as mudanças que acontecem dentro das igrejas de um modo geral e nas Mórmons mais especificamente vão repercutir, de alguma forma na organização da vida civil e laica.

Precisamos reivindicar a moralidade num contexto secular, o que cria um escrutínio e responsabilidade éticos para as religiões em todo o mundo, mas precisamos fazê-lo de maneira respeitosa, gerando cooperação e não extremismo.

O ativismo religioso de Shields, a síntese de sua agência, também encontra guarida num projeto de ação política. Uma das fundadora do Mormons for the ERA¹⁰, organização que apoia mudanças na constituição para o reconhecimento de direitos civis (como o casamento entre pessoas do mesmo sexo por exemplo), Shields também é reconhecida pelo seu trabalho de diálogo com outras tradições religiosas e pela luta dos direitos da mulher¹¹. Nas muitas entrevistas que concede, ela sempre é questionada sobre o trabalho de equilíbrio entre a vida religiosa e sua atuação política como feminista.

It's our job to make people uncomfortable

O combate ao extremismo é ponto de partida da palestra da rabina Sharon Brous, intitulada “É hora de reivindicar a religião”¹². Seu argumento é que as instituições

¹⁰Sigla para *Equal Right Amendment* (Emenda dos Direitos Iguais, em tradução livre)

¹¹ <https://www.the-exponent.com/equal-in-faith-salt-lake-city/>. Acesso em 31 de março de 2018.

¹² https://www.ted.com/talks/sharon_brous_it_s_time_to_reclaim_and_reinvent_religion. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

religiosas encontram-se hoje encurraladas entre duas tendências paralisantes. De um lado o extremismo, que mata e fere em nome de Deus; do outro, o “rotinismo”, que esvazia de sentidos as práticas e rituais religiosos.

[...] existe hoje uma geração de pessoas que estão tão enojadas com a violência do extremismo religioso quanto estão desligadas pela falta de vitalidade do rotinismo religioso.

Diante desse cenário duplamente desanimador, Sharon nos mostra sua estratégia de reinvenção de sua tradição religiosa, fazendo-a significativa e cheia de propósitos de novo. “E se pudéssemos aproveitar algumas das grandes mentes da nossa geração e pensar de uma forma ousada, robusta e imaginativa sobre como seria a próxima interação da vida religiosa?”, perguntou-se. Numa atitude empreendedora, enviou um email para sua lista de contatos convidando para uma última reunião antes de abandonarem de vez suas heranças judaicas.

Esperávamos que talvez vinte pessoas aparecessem. Acontece que 135 pessoas vieram. Eles eram cínicos e buscadores¹³, ateus e rabinos. Muitas pessoas disseram que aquela noite foi a primeira vez que tiveram uma experiência religiosa significativa em toda a sua vida. E então eu me propus a fazer a única coisa racional que alguém faria em tal circunstância: eu pedi demissão do meu emprego e tentei construir este sonho audacioso, uma vida religiosa reinventada e repensada que chamamos de “IKAR”, que significa “a essência” ou “o âmago da questão”.

Esse “sonho audacioso” é, como ela mesma apresenta, uma organização ecumênica que reúne lideranças de várias denominações religiosas cuja maioria das lideranças é de mulheres, ela ressalta. Pessoas que

se propuseram a recuperar o âmago de nossas tradições, que acreditam firmemente que agora é a hora de a religião fazer parte da solução. Estamos voltando às nossas tradições sagradas e reconhecendo que todas as nossas tradições contêm a matéria-prima para justificar a violência e o extremismo, e também [...] a compaixão, a coexistência e a bondade - quando outros escolhem ler nossos textos como diretivas para o ódio e a vingança, podemos escolher ler esses mesmos textos como diretrizes para o amor e para o perdão.

Temos, mais uma vez, a estratégia de “leitura da religião”, como produção de formas pacíficas de coexistência e respeito. Uma ação marcada pelo compromisso com

¹³ seekers

valores que Sharon vai nomear as principais premissas da IKAR. O primeiro desses valores é a vigília, a capacidade de ver e sentir-se incomodado, desconfortável com o mundo: “porque sabemos que a mudança social só acontece quando estamos acordados o suficiente para ver que a casa está em chamas”. O segundo, esperança: “A esperança pode ser o maior ato de desafio contra uma política de pessimismo e contra uma cultura de desespero”. O terceiro é a potência.

Num mundo que conspira para nos fazer acreditar que somos invisíveis e que somos impotentes, comunidades e rituais religiosos podem nos lembrar que, seja qual for o período de tempo que tenhamos aqui na Terra [...] podemos e devemos usá-los para tentar tornar o mundo um pouco mais justo e um pouco mais amoroso

Por fim, Sharon nos apresenta o valor da interconectividade, que nos lembra quão pequeno o mundo se tornou mas o quanto ainda precisamos nos sentir conectados, implicados nas vidas uns dos outros.

[...] Eu não deveria me importar quando jovens negros são assediados pela polícia, porque meus filhos judeus de aparência branca provavelmente nunca serão presos pelo crime de dirigir por serem negros. [...] isso também é problema meu. E adivinha? Transfobia e islamofobia e racismo de todas as formas, esses também são todos os nossos problemas.

A leitura/atuação da religião no caso da IKAR não é um trabalho de resgate histórico, nem de ativismo junto a instituições sectárias e conservadoras. Ele se dá na construção de novos sentidos, novos valores religiosos que possam ser amplamente difundidos e compartilhados por pessoas das mais diversas fés. O que Sharon propõe no palco do TED é uma reformulação das lideranças religiosas para que elas atuem de uma maneira diferente, com propósito e sentido renovados, atentos às ameaças do mundo. Enquanto líder espiritual, ela enfatiza: “É nosso trabalho deixar as pessoas desconfortáveis”. A exemplaridade de Sharon se dá na tarefa de construir um espaço específico para o seu projeto, seu empreendedorismo se dá na formação do IKAR, organização que se propõe a pensar uma forma mais ampla do Judaísmo¹⁴, propondo experiências religiosas com pessoas de várias tradições religiosas.

A agência orientada para a liderança religiosa feminina

14 <https://ikar-la.org/faq/> . Acesso em 31 de março de 2018.

Pensar o conceito de agência feminina no contexto da religião requer uma cuidadosa reflexão acerca de certas premissas. A maior delas é a que associa a noção de agência a de emancipação. Nesse sentido, é o trabalho de Saba Mahmood (2001) sobre mulheres muçumanas no Egito que desconstrói essa premissa e aponta o quanto a assunção de luta pela autonomia como objetivo único da agência das mulheres na religião revela-se um paradigma restrito. A autora nos mostra como a participação das mulheres no movimento islâmico desafia as teorias feministas ocidentais. Em outras palavras, ela propõe pensar “a agência não como sinônimo de resistência a relações de dominação, mas como a capacidade de ação que relações de subordinação historicamente específicas possibilitam e criam” (MAHMOOD, 2001, p. 203).

Em outras palavras, a agência feminina é um campo de entendimento que ultrapassa a ideia de que toda posição da mulher na religião se dará no intuito de anular as estruturas religiosas. Essa premissa está fortemente baseada numa noção ocidental e secular de individualidade e produz um sujeito extremamente passivo (a mulher muçumana é o seu maior emblema) e obediente às estruturas masculinas de dominação. A agência seria, portanto, o impulso de combate a essas estruturas e de conquista da liberdade e autonomia desses sujeitos. Feministas muçumanas nos mostram como essa concepção é simplista e anula toda uma complexidade de posições e negociações que as mulheres desempenham no interior de tradições religiosas.

Crítica semelhante também foi colocada por Butler (2015) em sua tentativa de rastrear os “usos discursivos da modernidade” (p. 161). Neste trabalho, a autora nos lança uma questão importante: “as concepções hegemônicas de progresso se definem a si mesmas como estando acima e contra uma temporalidade pré-moderna que elas produzem visando à sua própria autolegitimação” (p.152). Em outras palavras, os valores enunciados como premissas gerais para a autonomia e felicidade humanas (tais como a política sexual ou a ideia de igualdade de gênero) se dão não à margem dos discursos hegemônicos, mas bem no centro deles, nos Estados do Norte Global. Nesse sentido, parece bastante apropriado pensar o quanto as três palestras aqui analisadas se apresentam como esforços contundentes para mostrar a modernidade de suas religiões.

Especificamente no campo dos direitos da mulher, Toldy (2010) nos chama a atenção para o fato de que as discussões sobre igualdade de gênero se mostram como espaços privilegiados para observarmos o potencial, as ambiguidades e as limitações dos discursos e práticas da modernidade. O projeto de modernidade, explica a autora, foi

amplamente marcado pelo ideal secular de separação da sociedade da religião, relegando a segunda para a esfera privada da vida doméstica, onde as mulheres também atuavam. Nesse sentido, uma leitura ocidental da modernidade secular vai sempre apontar para uma pretensão universal das mulheres no combate às estruturas religiosas na tentativa de ocuparem espaços públicos e seculares. Buscando uma compreensão menos essencialista, a autora constrói uma interessante imagem: “vivemos em zonas fronteiriças, na qual uma ecologia de experiências emancipatórias, tanto secular quanto religiosa, pode ser produzida. Para isso acontecer, precisamos aceitar que o espaço público não é uma arena pré-estabelecida e imutável” (p. 115).

Também aqui nos cabe uma reflexão importante sobre o quanto os projetos de atuação das mulheres religiosas que analisamos se orientam para um fim que mira na atuação pública. “Sentar à mesa de negociações”, como diz Alaa Murabit; “ocupar o sacerdócio”, tal qual Chelsea Shields propõe ou a difusão de valores ecumênicos para a transformação do mundo como apresenta Sharon Brous, são ações da vida pública, que ultrapassam as vivências da esfera doméstica. É muito sintomático que nas três apresentações analisadas, no entanto, essas líderes se apresentem antes de qualquer coisa a partir de seus papéis na esfera familiar: elas são filhas (Murabit e Shields) e mãe (Brous).

Dessa maneira, o Islã moderno de Alaa Murabit é aquele experimentado junto a seus pais, que não faziam distinção entre meninos e meninas. O Islã que inspirou a Declaração Universal dos Direitos dos Homens, enfatizando a textualidade fundadora de uma tradição que é moderna:

[...] eu usei as escrituras. Eu usei versos do Alcorão e ditos do Profeta, Hadiths, [...] Em certas comunidades, nós realmente tivemos que ir longe e dizer a Declaração Internacional de Direitos Humanos, a qual você se opôs porque não foi escrito por eruditos religiosos.

O Islã moderno de Murabit vai mostrar mulheres fortes, líderes que foram apagadas pela lente cultural da religião. Sua agência, portanto, se dá no enfrentamento dessas leituras tradicionais e patriarcais e na legitimação do Corão como um livro atual, cuja marca do progresso se estabelece ao enfatizar a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres.

A modernidade apresentada por Chelsea Shields também se dá no caminho das questões de gênero e igualdade, mas não numa perspectiva histórica e sim no trabalho

de ativismo. Isto é: na produção de presença feminina nos espaços antes restritos do Mormonismo. Sua agência se dá no estabelecimento de limites que a religião deve ter na vida secular das mulheres e na responsabilização das instituições religiosas. Não há passado para ressignificar, mas um sentido de futuro para as mulheres mórmons.

Abrimos espaço, independentemente de sermos desprezadas, para que mulheres mais conservadoras intervenham e façam mudanças reais [...] Minha filha e minhas sobrinhas estão herdando uma religião que eu nunca tive, isso é mais igualitário - nós tivemos um efeito.

Por fim, Sharon Brous nos mostra uma modernidade religiosa que aponta para o ecumenismo. Sua agência se dá na criação de valores ecumênicos que podem ser compartilhados pelas pessoas de qualquer fé. As escrituras são importantes (são “matérias-primas”), mas o que motiva a sua ação não é o embate com uma religião cultural ou com estruturas religiosas patriarcais. A situação que ela pretende contornar é a do extremismo e o do rotinismo, movimentos que privaram as religiões de sentido, deixando violência e intolerância como referência.

Ao mesmo tempo em que precisamos que a religião seja uma força forte contra o extremismo, ela está sofrendo de uma segunda tendência perniciosa, o que eu chamo de rotinismo religioso. É quando nossas instituições e nossos líderes estão presos em um paradigma que é rotineiro e superficial, desprovido de vida, desprovido de visão e desprovido de alma.

Considerações Finais

As três palestras analisadas nos mostram o quanto o sentido de agência religiosa é um tema relevante não só para os estudos entre religião e feminismo, mas também para compreendermos as formas exemplares como as mulheres religiosas podem se apresentar. Além disso, nos revela também a capacidade produtiva dessa posição, cuja exemplaridade repousa tanto no âmbito religioso quanto secular da atuação dessas mulheres. Mas não devemos esquecer que essas formas, ao mesmo tempo em que provocam narrativas mais centradas na figura feminina (na sua agência), também se alinham a enunciados previamente autorizados sobre o que esses sujeitos podem falar sobre si e sobre suas religiões. Isso porque o TED, como todo lugar de fala, autoriza e interdita enunciados, produzindo o sujeito (ideológico) possível: aquele amparado na cultura inspiracional.

Assim, Alla Murabit, Chelsea Childs e Sharon Brous se apresentam como mulheres de fé que não abrem mão desse vínculo de pertencimento. Mas elas também carregam atributos seculares desejáveis a qualquer sujeito moderno. Demonstram inquietação diante de um cenário desfavorável e o espírito empreendedor necessário para criar novas estruturas que superem essas situações. Também demonstram capacidade de articulação em grupo e liderança e se pautam pela defesa de uma moderna agenda de igualdade de direitos. Suas práticas se inscrevem, portanto, no ideário da sociedade empreendedora: articulação de projetos inspiradores voltados para o bem comum (CASAQUI, 2017).

No entanto, essa produção só é possível por conta do sofisticado trabalho de intersecção entre identidades que, a princípio, parecem inconciliáveis. Isso significa, nos casos estudados, inserir o Islã num passado que enaltece mulheres, articular o feminismo à fé mórmon e fundar, a partir do judaísmo, uma comunidade ecumênica. Entendemos que é esse trabalho que garante que as sensibilidades religiosas presentes nas TED Talks estejam em equilíbrio com as agendas seculares de suas palestrantes. Ao falar que tem muito orgulho de sua fé, Murabit o faz não por uma chave teológica, mas em nome de um projeto de modernidade que estabelece a igualdade entre homens e mulheres, projeto esse que se iguala ao Islã. A insistência em permanecer mórmon é explicada por Chelsea pelas possibilidades de mudança no estatuto da mulher que ela consegue prever no futuro da sua Igreja. Já Sharon Brous vai conclamar não a religião como conforto diante da caótica vida contemporânea, mas como aquilo que incomoda as pessoas, que as remove da passividade, que as faz partir para ação. Um equilíbrio baseado numa racionalidade discursiva secular, para atender uma demanda religiosa.

Referências

- BUTLER, Judith. Quadros de Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. E-Compós, Brasília, v. 20, n. 2, maio/ago, pp.1-18, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MAHMOOD, Saba. Politics of the piety: the islamic revival and the feminist subject. Princeton: Princeton University Press, 2001
- SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- TOLDY, Teresa. Religião, gênero e cidadania sexual: uma introdução. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 1, n. 10, Lisboa, novembro, pp. 43-50, 2016.
- WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 1-11, 2002.